

Revista de Comunicação e Linguagens

Vol. (2021)

ISSN 2183-7198 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.fcsh.unl.pt/index.php/rcl>

Mulheres e a descolonização: o que exibem as telas? Entrevista com Maíra Zenun

Michelle Sales 

Como Citar | How to cite:

Sales, M. (2021). *Mulheres e a descolonização: o que exibem as telas? Entrevista com Maíra Zenun*. *Revista De Comunicação E Linguagens*, (54), 378-397. <https://doi.org/10.34619/64yf-qkjr>

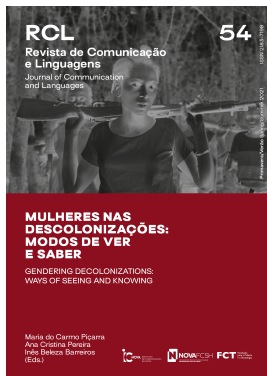
DOI: <https://doi.org/10.34619/64yf-qkjr>

Editor | Publisher:

ICNOVA - Instituto de Comunicação da NOVA

Direitos de Autor | Copyright:

Esta revista oferece acesso aberto imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



Revista de Comunicação e Linguagens

Vol. (2021)

ISSN 2183-7198 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.fcsh.unl.pt/index.php/rcl>

Mulheres e a descolonização: o que exibem as telas? Entrevista com Maíra Zenun

Michelle Sales 

Como Citar | How to cite:

Sales, M. (2021). *Mulheres e a descolonização: o que exibem as telas? Entrevista com Maíra Zenun*. *Revista De Comunicação E Linguagens*, (54), 378-397. Obtido de <https://revistas.fcsh.unl.pt/rcl/article/view/1371>

Editor | Publisher:

ICNOVA - Instituto de Comunicação da NOVA

Direitos de Autor | Copyright:

Esta revista oferece acesso aberto imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.

Mulheres e a descolonização: o que exibem as telas? Entrevista com Maíra Zenun

*Gendering decolonization: what's on display?
Interview with Maíra Zenun*

MICHELLE SALES

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Estudos em Comunicação e Sociedade
sales.michelle@gmail.com

Resumo

Num sistema mundo moderno-colonial, imaginar e capturar o olhar das mulheres é, em si, um trabalho urgente. Não só porque o sexismo não é um epifenómeno do colonialismo, mas porque é um aparelho estruturante do mundo patriarcal e sexista moderno-colonial em que (ainda) vivemos. Propomo-nos pensar na descolonização sexista através de uma entrevista com Maíra Zenun, cocriadora da Mostra Internacional de Cinema na Cova, em Portugal para pensarmos sobre o que está em exibição em Portugal e como descolonizar as telas de cinema. Cinema negro | descolonização | despatriarcalização

Palavras-chave

Abstract

In a modern colonial world-system, imagining and capturing the look of women is, in itself, an urgent job. Not only because sexism is not an epiphenomenon of colonialism, but because it is a structuring apparatus of the patriarchal and sexist modern-colonial world in which we (still) live in. We propose to think about gendering decolonizing through an interview with Maíra Zenun, co-founder of International Film Festival of Cova, talking about what's on display in Portugal and how to decolonize the screens.

Keywords

Black cinema | decolonization | de-patriarchalization

Introdução

Num sistema-mundo moderno colonial, imaginar e capturar o olhar e o fazer descolonial de mulheres é, por si, um trabalho urgente. Não apenas porque o sexismo não é um epifenômeno do colonialismo, mas porque é um aparato estruturante do mundo moderno-colonial patriarcal e sexista em que (ainda) vivemos.

Dessa forma, pensando a partir de um ponto de vista feminista, o olhar das mulheres poderá ter sido sempre um olhar opositor, para usar a expressão de bell hooks (1992). Esse olhar opositor, entretanto, não é homogêneo; é também marcado pelos separadores sociais que demarcam a vida (e a morte) de mulheres e que diz respeito à classe social, raça e também sexualidade dessas mulheres. Há uma abissal diferença e modo de estar no mundo que separa a realidade de uma mulher branca europeia de uma mulher pobre racializada, independente de morar no “Norte” ou no “Sul” do mundo.

Como pensar, portanto, um tema vasto, tão complexo quanto urgente, como “mulheres e descolonizações”?

Na América Latina, mas não só, as feministas decoloniais não exageram ao dizer que não há descolonização sem despatriarcalização, já que o legado colonial, que persiste e sobrevive no perverso esquema da distribuição desigual de poder, mantém vivas as mesmas instituições e aparatos sociais que permitem a reprodução de práticas sexistas e racistas/ eurocêntricas.

Se pensar uma nova sociedade e um “Homem Novo”, como sugere Amílcar Cabral, foi fundamental para organizar e estruturar as lutas anti-coloniais em África e, se a participação das mulheres, como os registros, narrativas e imagens vêm corroborar, foi efetiva na guerra colonial (e não menciono apenas o trato simbólico), como pensar hoje os modos de luta e combate protagonizados por mulheres interessadas na descolonização/ despatriarcalização da sociedade?

Por tudo isso, escolhi trazer, para este dossiê, a entrevista com a investigadora e curadora Maíra Zenun, realizada no âmbito do projeto *À margem do Cinema Português*, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, feito no contexto do meu pós-doutoramento, em que estive contratada, como investigadora, pelo Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) da Universidade de Coimbra.

Maíra Zenun é carioca e radicada em Lisboa. Participou, em 2016, no surgimento de um importante espaço expositivo independente em Lisboa: a Mostra Internacional de Cinema na Cova, projeto da Nêga Filmes Produções (da qual é fundadora) em

colaboração com a Associação Cultural Moinho da Juventude. Esta Mostra consolidou-se como um espaço de exibição para cinema, como parte da programação do Kova M Festival, realizado na Cova da Moura, bairro marginalizado da periferia de Lisboa.

A Mostra tem movimentado a cena artística local, ao criar um circuito transnacional/intercultural, que tem contribuído para consolidar a circulação de filmes realizados “na diáspora negra” e/ou por realizadores negros afro-europeus e também afro-brasileiros, como veremos. Entendemos que o capitalismo e suas estruturas capilares de poder — principal produto direto do colonialismo — foram capazes de erigir um mundo material e simbólico que reproduz e retroalimenta uma cosmovisão patriarcal sexista e racista. A circulação por si de (outros) filmes — aqueles que estão “fora” do “centro” — carrega consigo a importante discussão sobre a descolonização das telas e dos circuitos de cinema, assumidamente ocidentais e euro-centrados.

Imagem 1
Entrevista com Maíra Zenun
©michellesales



Gostaria que contasse um pouco como você criou o Kova M Festival, como foi o início? E a curadoria do festival, o que te motivou? De onde vem a inspiração?

Nós, da Nêga Filmes¹, não criamos o Kova M Festival². A Mostra de Cinema na Cova é uma das muitas atividades que acontecem durante o Kova M Festival, e nós apenas coordenamos essa parte, que está indo para a sua quinta edição em 2020. O Kova M, anterior à Mostra, está indo para a nona [edição], ele acontece desde 2011. Na verdade, a Mostra é uma atividade que a Nêga Filmes faz em parceria com a Associação Cultural Moinho da Juventude³, instituição que coordena toda a cena do Festival. A Mostra é parte do Festival, sabe? Tanto que, em 2019, a atividade sofreu algumas pequenas mudanças, porque o Kova M, de um modo geral, mudou e está mais horizontal na sua organização; então a Mostra também está tentando se reorganizar um pouco nesse sentido da horizontalidade adotada.

Já tinha uma exibição de filmes no Kova M Festival, mas não era uma mostra, era mais como um cineclube. Os diretores não eram convidados a exhibir, não tinha pedido de autorização, esse esquema assim um pouco mais formal e burocrático. Era como uma sessão de cineclube mesmo. E não tinha uma seleção de vários filmes, para vários dias de atividade, com convidadas e debates. Era em um único dia, parece, acontecia uma exibição de um filme para jovens que frequentam e trabalham com o Moinho. O Kova M envolve muito a comunidade do bairro, é feito majoritariamente por pessoas que moram na Cova da Moura. Mas foi em 2016 que aconteceu a primeira Mostra; a ideia foi bem no inverno, que é quando a galera começa a se organizar, com o apoio do Moinho, para fazer o Kova M do próximo ano. Então, eu estava ali envolvida nesse universo, estava convivendo muito com algumas realizadoras negras daqui de Portugal, que vivem ou viviam em Portugal⁴ na época. Conversando com o Flávio Almada, o LBC Soldjah, a

¹ A Nêga Filmes Produções é um coletivo formado a partir de uma dupla que trabalha através da imagem, da poesia e da educação, com linguagens diferentes, sobre e para corpos negros, no intuito de reaprender sempre, com as pessoas e com as coisas. Reaprender para melhor conhecer, para resignificar novas outras possibilidades, no desejo de trocar e fazer florescer. Sobre consultar o endereço eletrônico <https://www.facebook.com/negafilmes/>. Esta entrevista foi editada em parceria com Maíra Zenun, incluindo as notas de rodapé e todas as referências bibliográficas e fílmicas. As imagens cedidas fazem parte do acervo da produtora Nêga Filmes, com exceção da primeira.

² O Kova M Festival assume-se como sendo “uma iniciativa propagadora de cultura, cujo objetivo visa fomentar, no seio da comunidade do Alto Cova da Moura e arredores, uma dinâmica de desenvolvimento social e comunitário, combatendo, desse modo, o estigma que assola o bairro. Visa ainda valorizar e promover o seu património cultural e humano, assim como a sua riqueza étnica, contribuindo para a integração na comunidade onde se insere. Pelas suas 7 edições anteriores, o Kova M Festival conquistou um espaço particular na agenda cultural da Amadora. Nas suas últimas edições, cerca de 8 mil pessoas foram mobilizadas, direta ou indiretamente.” Consultas no endereço eletrônico <https://www.facebook.com/kovamfestival/>.

³ A Associação Cultural Moinho da Juventude desenvolve actividades no Bairro do Alto da Cova da Moura na Buraca — Amadora — a nível social, cultural e económico. Foi fundada em 1 de Novembro de 1987. Sobre a instituição, é possível consultar no seguinte endereço eletrônico <https://www.facebook.com/moinhodajuventude/?rf=420091851427591>.

⁴ Sobre o cinema negro de Portugal, há uma reportagem interessante a respeito, escrita pela jornalista Joana Gorjão Henriques, que dá a conhecer realizadores afro e descendentes que estão filmando em Portugal, disponível no endereço eletrônico <https://www.publico.pt/2018/04/13/culturaipsilon/noticia/temos-esta-sede-de-nos-ver-como-protagonistas-e-autores-das-nossas-historias-1809502>. Sugiro pôr na nota o título da reportagem e a data.

gente teve junto essa ideia de transformar aquela atividade que já acontecia no Kova M, em uma mostra com mais corpo, com mais vias, focada em uma produção cinematográfica realizada por pessoas negras. Nesse primeiro ano, eu e a Janaína Oliveira⁵ — coordenadora do FICINE⁶ — fizemos a curadoria da Mostra. A ideia era criar um espaço para realizadores negres, afrodescendentes, africanas e africanos que fazem cinema, mas um cinema ainda muito invisibilizado. Houve a colaboração de mais pessoas de fora da Cova nesse primeiro ano de Mostra. Lembro que foi uma boa galera que participou: a Ana Tica, a Lolo Arziki, a Janaína Oliveira, a Thaís Zaki, que criou toda a parte da arte gráfica da Mostra, a Gica Maria, o José Fregel, a Bia Leonel. Do bairro, o Vitor Sanches, o Júnior Roque, a Isabel Marques, a Sarita Furtado. Sei que teve mais gente, todes na intenção de construir algo bacana, um espaço que não existe em Lisboa. Para os anos seguintes, a equipe emagreceu um pouco, deu uma minguada. Aí ficou mesmo o LBC Soldjah, o povo do Moinho e o da Nêga, contando sempre comigo e com a Luzia Gomes, como núcleo fixo da coisa. E, nessa história, a Mostra já vai para a sua quinta edição, né? E sobre a curadoria, eu estou nela desde o início, nas quatro edições anteriores, até hoje. Tenho vivido essa experiência com várias pessoas queridas, convidadas a contribuir. A ideia inicial era fazer uma rotatividade nesse trabalho curatorial, mas, como as pessoas estão sempre muito ocupadas e como não foi todo mundo do início que continuou no projeto, não deu. Por isso, além de mim, a gente costuma convidar mais alguém para realizar essa seleção, que sempre tem um tema, um sul. A nossa inspiração para tudo isso vem do FESPACO (Festival Panafricano de Cinema e Televisão de Ouagadougou)⁷ e da Mostra Zózimo Bulbul⁸. Assim como do trabalho realizado pela mulherada lá de Sergipe, com a EGBÉ — Mostra de Cinema Negro⁹. Vem do trabalho da Edileuza Penha. Nossa, muita gente, muita coisa acontecendo, graças à Ogùn. Esse trabalho todo feito

5 A pesquisadora Janaína Oliveira é doutora em História pela PUC-Rio e professora desta disciplina no Instituto Federal do Rio de Janeiro — Campus São Gonçalo, onde coordena o **Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígena (NEABI)**. É também a idealizadora e coordenadora do FICINE (Fórum Itinerante de Cinema Negro). Sobre currículo completo, consultar o endereço eletrônico <http://ficine.org/janaina-oliveira/>.

6 O **Fórum Itinerante de Cinema Negro (FICINE)** é “um espaço de formação e reflexão sobre a produção mundial de cinema, fotografia e audiovisual que tem os/as negros/as como realizadores/as e as culturas e as experiências negras como tema principal. O conceito abrange cinematografias distintas que se estendem dos países africanos às suas diásporas. De Zózimo Bulbul no Brasil à Isaac Julien no Reino Unido. De Ousmane Sembene no Senegal à Julie Dash nos Estados Unidos. De Zezé Gamboa em Angola a Jhonny Hendrix Hinestroza na Colômbia.” Sobre este grupo de pesquisa, registrado na CAPES, consultar o seguinte endereço eletrônico <http://ficine.org/oquee/>.

7 O FESPACO (Festival Pan-Africano de Cinema e Televisão de Ouagadougou) é um dos maiores festivais do cinema africano. Em sua 26ª edição, em 2019, completou 50 anos de existência. É realizado a cada dois anos em Ouagadougou, capital do Burkina Faso e promove a produção realizada em África e nas diásporas africanas. O festival foi tema da tese de doutorado de Maira Zenun, que está disponível no endereço eletrônico <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10037>.

8 “O Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul: Brasil, África, Caribe e Outras Diásporas acontece desde 2007 e leva o nome de seu criador. Tem se consolidado como um espaço de grande relevância na expansão dos debates sobre cinema negro: “Para além disso, é também uma plataforma de ideias e trocas que vêm impulsionando a criação de filmes realizados centrados na experiência de pessoas negras.” Sobre este festival, consultar o endereço eletrônico <https://www.afrocariocadecinema.com/>.

9 Sobre este Mostra, se descrevem como sendo um projeto cujo objetivo é “provocar o público sergipano para as produções cinematográficas feitas por cineastas negros, dando visibilidade a essas produções”. O festival pode ser visitado através do link https://www.facebook.com/mostradecinemanegrosergipe/about/?ref=page_internal.

por pessoas negres, há muito tempo, e em tudo quanto é lugar, nos motiva, nos ensina.

Enfim, em 2016, a curadoria foi feita com a Janaína Oliveira e teve uma seleção muito ligada ao trabalho realizado por ela, que está em diálogo com o cinema negro feito por mulheres brasileiras, foi uma curadoria focada no feminino; em 2017, eu fiz... sozinha? Acho que não. Fomos eu, o LBC Soldjah, com a colaboração de Luzia; o tema era movimento e neste ano fomos audaciosos, porque repartimos a Mostra em três: houve uma chamada aberta para curtas e que resultou na sessão de “filmes da terra”, teve uma seleção de filmes infantis e a sessão das dez, com longas-metragens focados em histórias vividas pela juventude negra, seja em África, seja nas diásporas. Em 2018, fomos eu e LBC Soldjah, e a Marta Lança contribuiu. Neste ano, a seleção foi extremamente política, teve uma noite voltada para curtas dirigidos por mulheres negras, teve *I am not your Negro*, *Café Com Canela*, *Branco Sai*, *Preto Fica*. Eu tinha acabado de ter bebê e fui com a Ashanti nas cinco sessões das dez que aconteceram. A última edição, de 2019, já aconteceu. É sempre à noite, na última semana de julho, e a céu aberto — cinema na rua. E neste ano eu dividi a curadoria com a Edileuza Penha, que é a coordenadora da Mostra Competitiva de Cinema Negro Adélia Sampaio¹⁰, e com a Luzia Gomes, de novo e sempre, porque nós estamos juntas na produção desde que a Mostra surgiu. Na última edição, fizemos uma linda homenagem ao FESPACO, que em 2019 completou 50 anos de existência; exibimos três longas ganhadores do *Étalon de Yennenga*, principal premiação desse festival de cinema que acontece em Burkina Faso, e convidamos o público ao debate sobre essa entidade que é o FESPACO para o cinema negro feito em todo o mundo. Neste ano também foram selecionados curtas-metragens de cineastas contemporâneos da diáspora negra, como o próprio festival Burkinabè costuma fazer. Exibimos *Noir BLUE*, da Ana Pi, e *Eu não sou Pilatos*, do Welket [Bungué]. Enfim, são já alguns anos de um trabalho que é muito de parceria e coletividade, e que já contabiliza um acervo de quase cem filmes exibidos — entre curtas, médias e longas — dezenas de artistas e pensadores convidados a debater essas obras, e centenas de pessoas que compuseram a plateia de todas as sessões de cinema e conversa na Mostra.

Como é que você pensa a Mostra com relação ao meio cinematográfico português? Como você vê a Mostra no cenário cinematográfico nacional?

É engraçado porque o cinema é uma arte que a gente assiste, que a gente paga para ver, em uma sala escura, com determinada estrutura, né? Tecnologia. Esta é a sua narrativa; ele geralmente ocupa outros espaços, que não são os da rua. O Kova M Festival é um evento de música, de dança, hip-hop, esporte e comida; ele é um acontecimento cultural que mobiliza milhares de pessoas, que acontece na Amadora, em Lisboa, mas

¹⁰ Idealizada e organizada pela disciplina Etimologia Visual da Imagem do Negro no Cinema, ministrada pela professora Doutora Edileuza Penha, a Mostra Competitiva de Cinema Negro Adélia Sampaio acontece desde 2016, e visa prestigiar o trabalho de produtoras e diretoras negras. Para saber mais sobre, consultar o endereço eletrônico <https://www.facebook.com/mostraadeliasampaio/>.

que não ocupa as páginas dos jornais, dos cadernos de arte, por exemplo, de divulgação de espetáculos ou de promoção e incentivo ao acontecimento que ele é. O que acontece é que ainda estão começando a considerá-lo como arte, enfim, a colonialidade impera, como sabemos, nos meios de comunicação em sociedades racistas formadas e estruturadas a partir do sistema colonial. Daí que, de repente começa a haver a atividade da Mostra de Cinema, e o cinema é uma arte super cara, bastante elitista e bem branca. E mesmo que já houvesse no Kova M a participação de artistas famosos, internacionais, com carreiras sólidas e reconhecidas, que vendem milhões, só o fato de estarem vinculados às populações negras, e de produzirem um tipo de arte — levando em conta que existem várias formas de arte, mas que nada legitima a hierarquia criada pelo capitalismo/colonialismo sobre elas — que circula muito pelas periferias, deslegitima o tema desse encontro na Cova e o apaga dos meios de comunicação oficial. Isto é de uma digressão tremenda, como se não houvesse aí uma intenção, de apagamento, ao elitizar, ao hierarquizar as artes. Com a Mostra, e a divulgação que fazemos sempre sobre os filmes exibidos — muitos deles premiados em grandes festivais, como Cannes, FESPACO, o PAAF¹¹ -, e que nunca tinham sido mostrados em Portugal, foi só no primeiro ano que houve uma certa visibilidade na imprensa. Isso foi bacana, de o Kova M e a Mostra aparecerem nos jornais portugueses, de maneira íntegra; foram umas três matérias nacionais, entrevista para o audioblogue AfroLis¹², umas quatro internacionais... depois desapareceu. Em 2018 também houve apenas uma matéria, escrita pela Joana Gorjão [Henriques]¹³. Quer dizer, o Festival da Cova não ocupa as páginas dos jornais de circulação nacional, e a Mostra, com o cinema que trouxemos, nem tanto, ou ainda menos. Isso também têm a ver com a forma como o festival se insere no cenário cinematográfico nacional. E eu entendo isso tudo a partir do pensamento decolonial, né? Fico observando como a tal geografia da razão que impera, determina essa disposição¹⁴. Em relação ao campo cinematográfico português, é interessante notar como, para o público que consome cinema-arte, a Mostra é um prato cheio e tem, inclusive, feito o trabalho de formar uma platéia nova, para esta produção completamente invisibilizada pelas cadeias de exibição que dominam as salas de cinema no país. Para cineastas portugueses negres, apesar de todas as nossas limitações orçamentais, a Mostra é a maior vitrine que esta produção já teve no país. Acho que quase todo mundo já passou por lá. Mas, há

11 O *Pan African Film & Arts Festival* acontece em Los Angeles, Califórnia, e possui certa relação de inspiração e influência com o FESPACO. Acesso pelo link: <https://www.paff.org/>.

12 Para acessar a entrevista de Carla Fernandes, clicar no link abaixo: <https://radioafrolis.com/2016/07/14/audio-116-i-mostra-internacional-de-cinema-na-cova-africa-e-suas-diasporas/>.

13 Foram publicadas duas reportagens no *Público*: em 2016, a que foi feita por Maria Monteiro, e, em 2018, outra escrita por Joana Gorjão Henriques. Na imprensa nacional não há conhecimento de mais nada. Os links, respectivamente são: <https://www.publico.pt/2016/07/18/culturaipsilon/noticia/a-maior-tela-do-cinema-negro-e-na-cova-da-moura-1738152> e <https://www.publico.pt/2018/07/24/local/noticia/amor-e-feminismo-na-super-plural-mostra-de-cinema-negro-da-cova-da-moura-1838812>.

14 Essa discussão é imprescindível para os trabalhos que foram realizados até então pela Nêga Filmes. O link disponível para acessar o artigo “¿Pueden ser racionales los europeos?”, escrito por Julia Suárez Krabbe, é: <http://otramerica.com/temas/pueden-ser-racionales-europeos/2873>.

muito o que ser exibido ainda, feito por aqui. Exibimos a Pocas Pascoal, o Felipe Henriques, a Lolo Arziki, a Ana Tica, a Vanessa Fernandes, o Welket Bungué (mais de uma vez, porque ele tem uma obra extensa e incrível). Exibimos *A Cidade e o Amor*¹⁵.

A Mostra é algo com um enorme potencial, porque é uma cena que promove um tipo de cinema que nunca teve espaço em Portugal, um espaço de respeito e de destaque para o cinema negro, de graça e numa comunidade, fora do eixo e dos prumos formais do cinema comercial. Feito por e para. Estou falando de um tipo específico de cinema protagonizado por corpos negros, que conta histórias vividas e imaginadas, sob a perspectiva — estética, política, epistêmica e filosófica — de pessoas negras. Algo totalmente inédito no cenário cinematográfico nacional.



Imagem 2
Kova M Fest Mostra
Internacional de Cinema na
Cova @AcervoNêgaFilmes

Mas você se sente como alguém de fora, ou se vê inserida no contexto, na vida dos moradores da Cova da Moura? Queria entender essa relação.

Eu sou uma pessoa que está na Cova da Moura, convivendo com as pessoas. Trabalho muito com várias pessoas de lá de dentro, com o povo do Moinho, de quem sou parceira em várias situações. Sou casada com alguém de dentro. Mas eu sou uma pessoa de fora, porque alguns códigos eu desconheço, não acesso. Não sou falante fluente de caboverdiano, apenas compreendo o que já aprendi, e sei dizer algumas coisas, mas não sei conversar, só desenrasco. Não conheço todas as histórias, nem todas as ruas do bairro eu conheço. Morei lá bem pouco tempo, e atualmente sou vizinha. Por isso, e por

¹⁵ Este filme é de livre acesso, sem restrições. A realizadora sempre teve em mente o fato de que ele precisa ser visto, nem que seja para suscitar debates. Link para assistir o filme: <https://www.youtube.com/watch?v=23XuNMPQ-h4&t=1086s>.

mais, eu não sou uma pessoa da Cova da Moura, eu estou na Cova da Moura, e [só] às vezes. São muitas questões. Porque sei também que não fui criada num contexto como o do bairro. Cada um, cada um, cada lugar, um lugar. Eu sou do lado de lá, de longe. Do outro lado do mundo. E posso até estar por muito tempo, como que me tornando, como sendo alguém de dentro. Não sei. É como se fossemos passar a Mostra em qualquer outro sítio, outra cidade, com pessoas de um bairro como, por exemplo, Laranjeiras, ou Santa Teresa — a depender de qual Santa. Em Olaria, ou Jacarepaguá. Sei lá. Em Saint Denis, ou em Ouaga 2000, no Ciné Nerwaya. Estou aqui pensando agora a partir daquilo que foi o meu universo no Rio de Janeiro. Ou em Brasília, onde estive por muitos anos, e cheguei até a ser de dentro — de uma certa Brasília, também, muito minha e específica. Lá também estive envolvida em infinitas coisas ligadas a cinema. Sei que em cada lugar teria sido, e foi ou será, uma mostra diferente. Eu seria e fui outra, também. Tudo depende. Se eu chegasse num bairro qualquer, e começasse a fazer alguma coisa com as pessoas que são daquele bairro, como foi na Cova, como já foi em Brazilândia ou Macapá, eu aposto que continuaria me sentindo muito bem recebida, igual em qualquer lugar, num trânsito super tranquilo, fluindo. Mas não me engano, aqui, ainda sou uma pessoa de fora. Será sempre assim, em qualquer lugar de fora dos lugares de onde eu vim. Até um dia futuro, em que eu seja parte, talvez, quem sabe. Fazer parte da Mostra há quatro anos não me tornou ainda uma pessoa da Cova, mas me transformou em uma pessoa que está na Cova. E isso também faz toda a diferença, eu acho.

E tem recepção do público brasileiro nessas mostras?

Tem muita gente brazuca, todos os anos sempre vem muito, não sei se é por eu e Luzia sermos brasileiras, e por trazermos muito cinema negro do Brasil... mas a presença é marcante e participativa. A gente já tem um certo público em geral bastante frequente, sabe? Que vai todos os anos ao festival para assistir às sessões. Gente tanto de dentro quanto de fora do bairro da Cova. Há mais da galera do bairro, pessoas mais velhas, menos garotada. Porque essa juventude que frequenta quer mesmo é saber do baile, dos concertos. Uma meninada que frequenta com visuais lindos e chiquérrimos. Já o pessoal que vem de fora, para assistir os filmes, aproveita para comer uma cachupa, dançar um pouco, comprar alguma coisa na feira que acontece no *ring*. Eu tenho a impressão de que esse pessoal que vem à Mostra, e é de fora do bairro, é novo no Kova M em geral, não tenho a certeza de que já frequentavam a cena. E esse público não é só brasileiro, é também português, argentino, moçambicano. Estadunidense e inglês. Tem um cineasta chinês que mora em Lisboa e que já veio algumas vezes à Mostra. Gente de tudo quanto é lugar, na verdade. É interessante, porque a gente já exibiu todo o tipo de filme negro... cult, comercialzão, desenho animado, filme policial, documentário, longa, média e curta metragem. Filmes de cineastas negres de Portugal, da Alemanha, Gana... filmes de vários lugares e linguagens. E tudo na Mostra é sempre feito por convite, com conversa. Mas, de algum modo, mesmo procurando melhorar a nossa

estrutura... A Mostra recebe sempre o convite para sair do bairro. A gente que tá na organização dificilmente recebe convites para fortalecer o que há na Mostra da Cova. Temos muitas pessoas parceiras da Mostra também. Mas, apesar disso, já recebemos muitos convites para levar aquela seleção de filmes que trazemos, para outros espaços, para salas de cinema do centro de Lisboa. Geralmente, são filmes muito bons, a gente já teve filme que passou em Cannes, a gente sempre passa filmes que foram ao FESPACO, ou a Mostra Zóximo Bulbul. São obras que são exibidas em muitas outras mostras do mundo todo, mas nunca antes aqui, em Portugal. Então, é mesmo uma seleção muito interessante, como eu já disse. Mas, não lembro de ter ouvido, das grandes instituições que trabalham com arte em Portugal, perguntas como: “você estão precisando de alguma grana para comprar cem cadeiras lindas, para fazer essa Mostra mais confortável para as pessoas da Cova, na Cova?”, por exemplo. E o povo que assiste à Mostra, tem de ser mesmo fiel, sabe? Tamanha a falta de apoio.



Imagem 3

Cartaz IV Mostra Internacional
de Cinema na Cova
@AcervoNêgaFilmes

Queria que você contasse um pouco o percurso da tua relação com a criação do Afrotela, que é outro circuito exibitivo independente importante e que surge de forma semelhante em relação a Mostra de Cinema da Cova.

Então, o convite para nos juntarmos ao Afrotela veio pela Associação Afrolis. Na verdade, um convite para a Nêga Filmes fazer a curadoria durante cinco meses para o projeto cineclube Afrotela¹⁶. Aí a gente aceitou o convite, até porque a Nêga Filmes é parceira da Afrolis há muito tempo, quer dizer, eu e Luzia sempre estamos lá com a Associação. A Carla Fernandes falou conosco sobre a sua ideia de criar um espaço de discussão sobre a representação de afrodescendentes nas telas de cinema, com foco na questão da autorrepresentação negra em África e nas diásporas. A partir daí, eu e Luzia construímos a curadoria. A ideia nesta nossa curadoria foi a de trabalhar com filmes que fazem parte dessa narrativa cinematográfica que percebemos como sendo negra, feita por pessoas negras. E assim, mais uma vez, o que pretendíamos era trazer para Lisboa, filmes que retratam situações e pontos de vista sobre o mundo, a partir do olhar de quem possui um corpo negro, historicamente marcado pela colonização europeia. Acho que, na época, foi a nossa breve trajetória em Lisboa que promoveu este encontro, essa parceria, entre AfroLis e Nêga Filmes. E como quase tudo, ou mesmo tudo o que temos feito desde então, eu e Luzia, juntas e misturadas, o projeto Afrotela também só foi possível e significou isso, a existência e eficácia de uma ampla rede de solidariedade, de sororidade, afeto e confiança entre o maior número possível de pessoas antirracistas, que, como nós, veem na arte, formas de intervir e questionar. Cinema como arma, poesia como escudo, parceria como metodologia.

Como era a curadoria do Afrotela?

Eu e Luzia, com várias outras pessoas, de uns sete países, africanos e das Américas. E também com povo daqui da Europa Ocidental. Exibições, produção de filmes, cineclube, debates e aulas, *workshops*. Sempre a partir da questão da autorrepresentação negra, numa discussão contínua sobre as imagens que produzimos, assistimos e que queremos sobre os nossos corpos. Foram cinco sessões com a nossa participação, e cada encontro tinha uma pegada, um tema. A nossa escolha visava dar conta, principalmente, de uma necessidade muito nossa, particular, minha e de Luzia, de tecer novas formas de igualdade e comunhão, no que diz respeito a feitura e ao debate sobre algumas imagens. Os encontros tinham aquele bom e velho formato, informal, de cine-conversa. Mas, o mais bacana é que, na audácia de querer fazer de um tudo, foram feitas duas apresentações por sessão: em Santa Apolónia, Casa Mocambo¹⁷, e na Cova

¹⁶ Sobre o Projeto Afrotela, trata-se de um cineclube organizado pela AfroLis, que esteve, durante o ciclo de 2016-2017, sob a curadoria da Nêga Filmes. Para mais informações, é possível acessar o link <https://www.facebook.com/events/569309619932400/>.

¹⁷ Sobre este espaço, que se constitui como sendo uma casa de jantar, de encontros e poesia, consultar o link <https://www.facebook.com/Casa.Mocambo/>.

da Moura, Tabacaria Tropical¹⁸. De novo, cada lugar, um lugar... repetindo feito vitrola. Mesmo que houvesse algo comum aos encontros, não importasse o lugar em que eles se deram, as conversas eram sempre muito diferentes, indiscutivelmente distintas, em teor e profundidade, a depender do local e do dia. É porque espaços afrocentrados, mesmo que mais esvaziados, geralmente se tornam, se transformam e constituem, para nós, a criação de situações mais seguras para trocas e reformulações mais profundas. Isso é real para qualquer grupo politicamente definido, feito estratégia, tem a ver com a nossa sobrevivência. É por isso que a gente bate tanto nessa mesma tecla. Quando aconteceu de ser platéia menos negra, o pensamento fica estagnado, sempre preso, engalfinhado àquela culpa que eles sentem, na branquitude que eles mastigam, regozijam e, ainda sim, autorizam¹⁹.

Por isso, olhando hoje para tudo aquilo, eu acho que foram encontros muito específicos, na Mocambo e na Cova. Os filmes, a platéia, convidades, de certa forma, essas variantes variaram também. A tela muda, a depender da platéia. A depender do lugar, dos caminhos, das vivências e territorialidades de cada corpo e espaço. E é claro que a gente falou de Milton Santos, por conta disso, falou das geografias que nos marcam. E das possibilidades de afeto, com os nossos próprios corpos. No geral, homenageamos o Ousmane Sembène, exibimos Alain Gomis e Haile Gerima. Foram escolhidas obras de cineastas clássicos, e da galera iniciante, tanto que exibimos filmes que tinham acabado de sair do forno, como o curta-metragem *Mikambaru* (2016) da Vanessa Fernandes, que é guineense e trabalha aqui em Portugal. Essa curadoria, afinal, teve muito a ver com a Mostra da Cova. A verdade é que sempre estamos batendo na mesma tecla, sobre a questão da autorrepresentação, e ao exibir filmes negros, acabamos falando também sobre a história dessas produções, sobre as pessoas que fizeram e fazem parte desse cenário.

A gente insiste muito nisso também porque aqui dificilmente se vê alguém falando algo sério e respeitoso a respeito, que considere a história de luta que se enfrenta por aí, para poder viver de cinema, de arte, sendo alguém num corpo negro. O projeto já foi para o Porto, Aveiro. Fomos fazer coisas com a Nêga em Ouagadougou, em Brasília. Em dezembro, talvez consigamos ir para Abidjan, apresentar um trabalho²⁰. Em 2020, temos confirmado Amsterdã e Coimbra²¹. Luzia recentemente escreveu um artigo sobre isso, contando nossa história de amor e parceria, que ela intitulou *Diário artístico-científico*

¹⁸ Sobre a Tabacaria Tropical, tratou-se de uma espécie de centro cultural, inaugurado em 2015, na Cova da Moura, que foi palco de inúmeros eventos sobre a cultura daquele bairro e a sua identidade. O projeto foi coordenado por Vitor Sanches, e tinha ampla rede de apoio. Mais informações, acesso: <https://radioafrolis.com/2016/09/08/audio-121-tabacaria-tropical-sta-bazofa/>.

¹⁹ A poeta e ensaísta Tatiana Nascimento (df) tem um ensaio intitulado *leve sua culpa branca pra terapia*, publicado em 2019 pela padê editorial. Informações sobre como adquirir a obra através do link <http://pade.lgbt/loja/leve-sua-culpa-branca-pra-terapia-tatiana-nascimento/>.

²⁰ Na época da entrevista, havia esse aceite para um congresso de estudos e Performance em Artes, mas Maíra afirmou não ter meios de bancar os custos da viagem e, portanto, não participou.

²¹ Os eventos foram cancelados em março de 2020 por conta da pandemia do COVID-19.

de uma museóloga-poeta na *ciDaDe De águas tejas*, publicado em 2018²². Nessa escrita, ela conta da gente e, ao mesmo tempo, percorre *diferentes memórias presentes*, que lá ela diz que lhe habitam, por dentro, nas suas próprias geografias internas, de ser e de ter-poder.

A Nêga filmes sempre está ligada à exibição de cinema negro?

Na verdade, a Nêga Filmes é um pouco um resumo do que é a minha relação com Luzia. Agora ela não está mais presente fisicamente em Lisboa, mas a nossa parceria passa por poesia, pela fotografia e pelo vídeo. E é sempre sobre autorrepresentação. Tudo começou com um encontro fotográfico que tivemos na casa dela. Ela tomando um banho de folhas e flores, fazendo um sacudimento numa relação, com o candomblé. Eu me aproximei tanto nesse momento e fui fotografando. Essa escrita fotográfica cresceu para além de nós, virou ensaio publicado, *Ballet das Águas Rosas*²³. Acho que é ali que começa a Nêga Filmes, naquele dia, e a partir daí a gente, para além de todo o resto, é convidada pela Afrolis para fazer a curadoria da Afrotela, começa a organizar, em parceria com o Moinho, a mostra de cinema, a gente vai dar oficina, deu uma oficina na Cova também, com a garotada que agora está adulta, já faz quase cinco anos que isso começou. E a gente fez alguns filmes também, enquanto Nêga Filmes. Um deles foi o OBÍ²⁴, realizado pelo projeto Gato Aleatório²⁵. Temos algumas coisas em andamento, um curta sobre um ebó em poesia. Sem contar o filme *A Cidade e O Amor*, super importante nessa nossa trajetória e que é cinema negro, sem tirar nem pôr. O cinema negro acaba sendo começo de muita coisa nessa história, é parte fundante desse nosso real-jo, dessa nossa retórica.

Eu queria que você comentasse também a sua relação como espectadora e curadora de mostras, pois já deve ter visto uma grande quantidade de filmes brasileiros, portugueses, africanos, que circulam na Mostra da Cova da Moura. Tenho muito interesse em pensar na nossa relação, do público brasileiro, com a representação das populações imigrantes, marginais, periféricas, no cinema português. Como você vê essa relação construída na tela, aqui, com cineastas portugueses que filmam esses espaços também, que se relacionam com essa temática também?

Tenho a impressão de que as diferenças nos aproximam. Quando você pensa numa questão que a gente já conversou, de ter um público brasileiro na Mostra de Cinema na Cova... É uma mostra de cinema negro, o público que vem de fora, na maioria das vezes, não é um público negro, mas é um público brasileiro, e como é tão pueril essa

²² Disponível pelo link <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/17785/16279>

²³ Disponível através do link <https://periodicos.unb.br/index.php/metagraphias/article/view/290/279>

²⁴ O filme está disponível através do link <https://vimeo.com/142920780>.

²⁵ O coletivo tem uma página no VIMEO, onde é possível perceber mais sobre o projeto. Link de acesso: <https://vimeo.com/gatoaleatorio>.

fronteira de cor, do que é preto, o que é branco, o que é marrom, o que é amarelo, acho que a gente já teve a oportunidade de falar sobre isso, não de chegar a uma conclusão. A minha sociologia para isso vai dizer algo que já foi dito, por muitos outros pensadores negres: as identidades são de tal forma atribuídas que raça não existe, ok. Mas, mas a polícia, o tiro da arma, e toda a enxurrada de questões relacionadas, sempre enxerga, sempre sabe qual é a cor do burro quando ele foge. Acho até que tem isso de interessante, você enxerga as coisas de outra forma, mas as duas estão nesse “entre”, nesse limbo, não é marrom, nem cinza, nem preto. Quer dizer, do meu lado o branco nunca chega. Por isso, sim, procuro trabalhar com filmes que abarcam esse extenso espectro, de filmes feitos por e sobre corpos negres. É louco, quando você pensa em negritude no Brasil, aqui a negritude, ela é mas é outra coisa. São muitas questões que acho terem a ver com essa violência, sabe? Que lá é física e mata. É isso que nos diferencia, então o meu caminho é mais longo... há a fantasia de um tipo ideal português, e es outros, que, no cinema, estão definitivamente marcados socialmente. Por isso, acho que os cinemas negros feitos nas Américas, no próprio continente africano, mesmo tendo uma história mais curta que o cinema-técnica, ainda assim, estão já em outros degraus de discussão, e de representação, comparado com o que já foi feito aqui. Europa Ocidental e África são vizinhas desde sempre. O impacto e presença é outro. O cinema que se intitulava português não falava desse corpo negro. O cinema negro daqui discute a sua própria presença em Portugal. Você vê o nó? Quando você está mais longe de casa, e é negra vinda da diáspora das Américas, por mais que sejam questões que tem a ver com leitura étnico-racial, com hierarquia social, com desigualdade, com genocídio, você vê o Haiti, as Américas Centrais. Aqui você existe, mas não se realiza.



Imagem 4
Kova M Fest Mostra
Internacional de Cinema na
Cova @AcervoNêgaFilmes

...burocraticamente também.

Tem essa questão. E isso nos diferencia. Porque no Brasil, ainda assim, a questão é a mesma, sendo outra. O corpo negro é alvo e recebe o tiro, mas não há essa discussão sobre não fazer parte, identitariamente falando. Aqui, e no continente africano, eu já ouvi isso: “Você é filha de escravo então, né?”

Te perguntaram?

Esse lugar que começa em lugar de fala. Por que *A Cidade e O Amor* é tão importante para mim e para Luzia? Porque a gente pôde falar a partir dessa condição de mulher negra imigrante, das Américas. Mulher formada, mulher negra, que vem para estudar, fazer pós-graduação. Com as identidades já mais ou menos constituídas, reconhecidas. Mas, que vem de lá, de longe e de fora. Aqui mudou tudo [na Cova da Moura]: Luzia já não era mais a moça do Recôncavo baiano. Eu, já nem ao Brasil mais eu pertencia. Aqui as pessoas falam em crioulo [de Cabo Verde] comigo antes mesmo de eu abrir a boca. Aí você chega no continente africano, que é a sua razão de ser mulher negra, porque um dia houve o rapto que criou esse rastro, e é no sentido de rastro mesmo, porque a coisa se perdeu. E lá, te chamam branca, que não é a “branca” do Brasil, nem de Portugal. E mais, ainda me perguntam se sou de dentro do continente, em árabe. Quando sacam que eu não sei, perguntaram se eu era então filha de escravizados. Lá do outro lado do Atlântico, de onde sou e venho, a pessoa negra não consegue afirmar: sou etíope, sou benguela, Igbo. O rastro está perdido. O que resta é ser morena, cor de jambo, parda, retinta. Mestiça. Qualquer coisa, muitas. Menos branca. Menos preta, para negras como eu, porque ser se torna ofensa. Sendo esta a razão de lá nós não termos os problemas que se põem aqui, de modo que é outra perspectiva. Outras construções estéticas, históricas. Eu não sou reconhecida totalmente porque está tudo derretido. Então acho que a Mostra, *A Cidade e O Amor*, o *OBI*, que é um outro filme que fiz com Luzia, a gente está o tempo todo discutindo isso, fica tentando uma língua comum para conversar com isso tudo que nos cerca e nos afeta... só que não existe língua em comum, parece.

Eu tenho visto essa discussão, porque os brasileiros do movimento negro, muitos se consideram pan-africanistas e buscam essa origem na África. Tenho visto muitos ativistas do movimento negro em Portugal que reclamam a pertença europeia.

Total. Ninguém sabe nada sobre de onde vem.

Eu queria saber o que você acha dessa diferença de pertença, de criação de identidade, de negritude, que não é mais a negritude em relação à África, é uma negritude de pertença europeia.

É, estamos aqui. Vivemos, comemos, pagamos, parimos. Como é que eu vou dizer para a minha filha que ela não é europeia, que ela não é portuguesa? Para mim, não

faz sentido. Mas, para as pessoas daqui a luta ainda é por, exatamente, a nacionalidade. Como é que eu vou dizer para ela que ela não é daqui tendo nascido aqui? Aí você falou em pan-africanismo, isso é muito curioso porque o festival que eu estudei na *tese de doutorado* é um festival pan-africanista africano. E aí quando eu vejo o pan-africanismo daqui, aí eu tenho essa impressão de que parece ser outra coisa, por causa do mar mesmo, acho que as letras se confundem e o movimento precisa se organizar de outra forma, que é diferente; é diferente do movimento negro em África. Aqui a discussão ainda está procurando se encontrar entre as definições do que é ser. Lá, a luta precisa ser mais prática, parece. O que é o movimento negro em África? Eu ouvi isso: “Ué, você quer falar de cinema negro? Aqui no FESPACO? Aqui é todo mundo negro. O cinema nosso é negro, porque todos somos negres. É óbvio que o nosso cinema é negro, então não é uma discussão do porquê fazer um cinema com nome e sobrenome de negro, aqui é todo mundo negro”.

E você acha que faz sentido essa nomenclatura?

Eu acho que faz sentido sim, para as diásporas e até para eles, em África. Era isso que eu via também nos debates lá, era uma negação do nome, do termo ‘cinema negro’, mas uma reafirmação o tempo todo de que aquela produção era negra, feita por pessoas negres, legítima e guerreira. Em oposição a uma produção cinematográfica europeia que é branca, por exemplo, querendo ser e contar a história somente do seu pequenino mundo dos pequeninos. Mas olha, aí já é outro caos, muitos filmes no FESPACO, que estão ganhando, foram feitos na diáspora europeia, com famílias negres marroquinas. Ou sobre os caminhos que levam congoleses à França. Um realizador marroquino que é da sua cor, com o meu cabelo, nascido em África, chamado Hicham Ayouch, vencedor do *Étalon*, fez um discurso em 2015 no FESPACO dizendo “Esse prêmio é para a África negra”²⁶. Ele é do Marrocos, que dentro da academia inclusive, em um recorte, é Magrebe, é África branca, alguns ainda insistem, inclusive a academia portuguesa. Ele estava lá, durante o discurso, exatamente contrapondo essa ideia colonial, repartida, fratricida, que impuseram à África. Ouvi muito essa semana, mais de uma vez, por pessoas que tem uma relação com África, ou de nascer, ou de ser filho de quem nasceu, dizendo que Portugal é África. (risos) Para fazer uma relação ao horário das coisas, que por aqui, sempre atrasam. “Portugal é África, isso aqui não tem nada a ver com a Europa”. Os meninos que nasceram aqui, na questão da nacionalidade, que não tem a documentação, mas que são apontados e que são atribuídos a Guiné Bissau ou Cabo Verde, mas que não tem nacionalidade guineense nem cabo-verdiana, se chegam lá são portugueses, são europeus, nos modos, na vestimenta, no crioulo que falam. Então acaba ficando

²⁶ Na íntegra, reportagem sobre a participação de Hicham Ayouch, com o filme *Fièvres*, no FESPACO, em 2015. Acesso através do link: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/por-que-nao-consideram-o-magrebe-e-egito-como-parte-de-africa>.

muito caótico. E a gente ainda vem com uma experiência da diáspora das Américas, que é muito longe, tenho a impressão de que essa lonjura fez a gente se organizar a partir de outros referenciais. Lá, ou a galera preta se organizava ou morria. E mesmo organizado morre, né? Não tem isso. Aqui acho que eles tiveram um pouco mais de tempo, não era tão urgente se organizar, essa é a sensação. Ou então, porque as independências foram há menos de cinquenta anos atrás. Não é à toa que, só ultimamente, e fora das periferias, que pipocou tanta associação, tanto espaço de jovens e pessoas negras se organizando fora das periferias de Lisboa, por exemplo. Filhos, netos, que estão começando ou terminando de frequentar as universidades, aparecendo minimamente, minimamente mesmo, em certos espaços culturais.

Imagem 5

Kova M Fest Mostra
Internacional de Cinema na
Cova @AcervoNêgaFilmes



Sim, eu vejo também na América Latina já uma discussão muito forte de recusa a essa civilização, a esse progresso, a essa ideia... na verdade, vejo muita gente discutindo a desocidentalização, e a invenção, e a recusa desses termos, de qualquer paradigma que envolva construção de uma modernidade que nunca foi nossa e que nunca será, porque a gente sempre está numa identidade que é negada. Então você é um não branco, mas também é um não negro, um não índio, tem uma “ninguém-dade” nisso. Ninguém. Um sujeito que é o brasileiro nessa invenção de ninguém. (...)

Bom, para fechar, eu queria que você recontasse, muito rapidamente, a relação do público com a Mostra de Cinema na Cova.

A gente tem um público, por sessão, de 15 a 60 pessoas, porque a gente não fez

essa contabilidade por encontro, até hoje. No ano que houve a Sessão de Filmes da Terra, aconteceu uma votação diária, e dava para ter a noção da quantidade de pessoas. Mas em toda sessão eu tenho essa mania de contar, e acho que Luzia e Flávio também, porque nós somos a equipa mais constante do festival. E vai de 15 a 60.

Mas em termos quantitativos, como você avaliaria o público da Mostra?

Por uma contagem de olho, de dedo, eu tenho a impressão de que são entre 50 a 60 por cento de pessoas negras por sessão. Misturas entre de dentro e de fora do bairro. É essa coisa, como o festival abocanha muitos jovens, o Kova M, com a música, com a dança, abocanha a galera mais nova, e fica a Mostra como uma atividade também para as pessoas mais velhas. O festival é feito por eles, organizado, administrado, é um negócio gigantesco, acho que o público chega a umas cinco mil pessoas entalhadas naquela quadra, dançando, é bonito.

Bibliografia

- Henriques, Joana Gorjão. 2018. “Há um cinema negro em Portugal?”. *Público*, April, 13, 2018. <https://www.publico.pt/2018/04/13/culturaipsilon/noticia/temos-esta-sede-de-nos-ver-como-protagonistas-e-autores-das-nossas-historias-1809502>.
- Krabbe, Júlia Suarez. 2013. “Pueden ser racionales los europeos?”. *Otra America de Sur a Norte*, marzo 28, 2013. <http://otramerica.com/temas/pueden-ser-racionales-europeos/2873>.
- Por dentro da África. “Por que não consideram o Magreb e o Egito como parte da África?”. Accessed mês, dia ano. <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/por-que-nao-consideram-o-magrebe-e-egito-como-parte-de-africa>.
- Sales, Michelle. org. 2020. *À Margem do Cinema Português: Residência Artística Afro europeans*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Festivais

- Afrotela
- FESPACO Festival Pan-Africano de Cinema e Televisão de Ouagadougou
- Ficine — Fórum Itinerante de Cinema Negro
- Kova M Festival
- Pan African Film & Arts Festival

Nota biográfica

Pesquisadora, professora e curadora independente. Professora Associada da Escola de Belas Artes da UFRJ (2010 -), Coordenadora da rede de pesquisa Cinemas Pós-Coloniais e Periféricos, no Brasil e em Portugal, e do projeto “As práticas artísticas contemporâneas e o pensamento pós-colonial e decolonial”. Pós — doutora em Estudos Contemporâneos pela Universidade de Coimbra (2018-2020), Investigadora Integrada do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra, coordenou o projeto de investigação À Margem do Cinema Português (2020), financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Ex-Bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian, programa Investigadores Estrangeiros (2013-4). Já deu aulas na Universidade de Coimbra e na Universidade de Cabo Verde, e no Brasil, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e na Universidade Cândido Mendes. Colaboradora do Centro de Estudos em Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho (2020) e integrante do grupo TRAMA da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2020). Como curadora, entre outras exposições: *Daqui para Frente: Arte Contemporânea em Angola* (Caixa Cultural, Rio de Janeiro, 2017; Caixa Cultural, Brasília, 2018). Atua nas áreas: estudos pós-coloniais, decoloniais e anti-coloniais, feminismo interseccional, relações étnico-raciais e gênero.

ORCID iD

[0000-0003-1589-4003](https://orcid.org/0000-0003-1589-4003)

Lattes iD

[0463597348066713](https://lattes.cnpq.gov/0463597348066713)

CV

[ED18-A59E-E6E4](#)

Morada institucional

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Belas Artes. Av. Pedro Calmon, Prédio da Reitoria, 7º andar, Ilha do Fundão, 21941-901 — Rio de Janeiro, RJ — Brasil.

Recebido Received: 2021-01-20

Aceite Accepted: 2021-01-30

DOI <https://doi.org/10.34619/64yf-qkjr>